
O NOMADISMO RESILIENTE DE RUI PIRES CABRAL

Tamy de Macedo Pimenta
Orientadora: Ida Maria Santos Ferreira Alves
Mestranda

RESUMO

Nesse ano de 2015, após o exame de qualificação realizado em fevereiro, iniciei a escrita de minha dissertação de mestrado sobre a poesia de Rui Pires Cabral (1967). Detendo-me por enquanto no primeiro capítulo, que trata dos deslocamentos geográficos nessa obra, tenho perseguido a ideia de nomadismo e errância. Nesta breve comunicação, busco compartilhar parte desse raciocínio e muitas das inquietações que vem me acompanhando durante a redação do capítulo, uma vez que, trabalhando com os conceitos de nomadismo elaborados por Michel Maffesoli e Gilles Deleuze e relacionando-os à obra deste jovem poeta, tenho procurado demonstrar que o atravessamento de espaços (seja no mundo físico ou no papel) pode ser compreendido como um ato de resistência diante do contexto contemporâneo. Sob esse ponto de vista, a errância “exprime [...] a revolta, violenta ou discreta, contra a ordem estabelecida” (MAFFESOLI, 1997, p. 36), já que não há “nada mais ativo que uma fuga” (DELEUZE *apud* ZOURABICHVILI, 2009, p. 56), conforme exemplifica, a meu ver, a poesia de Rui Pires Cabral.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia portuguesa, contemporaneidade, Rui Pires Cabral, nomadismo, resistência.

Fugir não é absolutamente renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga. É o contrário do imaginário. É igualmente fazer fugir [...] Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia.
(DELEUZE apud ZOURABICHVILI, 2009, p.56)

Após o exame de qualificação realizado em fevereiro deste ano, iniciei a escrita de minha dissertação de mestrado sobre a poesia de Rui Pires Cabral. O poeta¹, cuja obra passou a ser mais conhecida a partir da antologia *Poetas sem qualidades* (2002) ainda que tenha publicado seu primeiro livro sete anos antes, tem sido meu objeto de estudo desde a Iniciação Científica. Entretanto, seus versos continuam a inquietar-me, mantendo-me em constante movimento como leitora e crítica, principalmente nessa etapa de escrita. Aproveitarei essa fala para compartilhar algumas reflexões que tenho desenvolvido até o presente momento, pensando a relação dessa poesia com as ideias de nomadismo e resistência.

Há, na poética de Rui Pires Cabral, uma ênfase nos deslocamentos espaciais, na medida em que os poemas são construídos em meio a uma série de referências geográficas – sendo a maioria delas a espaços estrangeiros a Portugal (conforme pode-se observar na tabela abaixo) – e, além disso, utilizam verbos que indicam movimento, como “ir”, “passar” e “atravessar”, de forma frequente.

¹Poeta e tradutor formado em História pela Universidade do Porto, nascido em Macedo de Cavaleiros, Portugal, no ano de 1967. Seu primeiro livro, *Qualquer Coisa Estranha*, de contos, foi publicado em 1985 e a ele se seguiram mais quinze, de poesia: *Pensão Bellinzona e Outros Poemas* (1994) *Geografia das estações* (1994), *A super-realidade* (1995), *Música antológica & onze cidades* (1997), *Praças e quintais* (2003), *Longe da aldeia* (2005), *Capitais da solidão* (2006), *Oráculos de cabeceira* (2009), *A Pocket Guide to Birds* (2009), *Biblioteca dos Rapazes* (2012), *Broken* (2013), *Stardust* (2013), *Álbun* (2013), *OH! LUSITANIA* (2014) e *Elsewhere/Alhures* (2015). Seus poemas estão presentes em antologias, cujas principais são *Anos 90 e agora: uma antologia da nova poesia portuguesa* (2001), *Poetas sem qualidades* (2002), *9 poetas para o século XXI* (2003) e o segundo volume de *Portugal, 0* (2007). Como tradutor de língua inglesa, destacam-se os trabalhos com os livros *Uma Casa no Fim do Mundo*, *Sangue do Meu Sangue* e *Dias Exemplares* de Michael Cunningham.

Geografia do sujeito

167 referências diretas a lugares (ruas, cidades, regiões, continentes ou países)

País/ região	Número de referências	Porcentagem (aprox.)
Reino Unido	55	32,93%
Portugal	46	27,54%
Suíça	10	5,98%
Espanha	12	7,18%
França	8	4,79%
Itália	8	4,79%
Hungria	6	3,59%
Marrocos	4	2,39%
Estados Unidos	2	1,19%
Alemanha	2	1,19%
Holanda	2	1,19%
Áustria	2	1,19%

Tabela 1: Principais referências geográficas encontradas nos livros de RPC

O eu lírico viajante desses versos percorre lugares e encontra pessoas sem, todavia, estabelecer vínculos duradouros com eles, constituindo-se numa subjetividade desenraizada e nômade, estando permanentemente em trânsito. Para ilustrar esses elementos observados, trago como exemplo o poema “The heart of England”, que abre o livro *Longe da Aldeia* – repare o título – de 2005:

THE HEART OF ENGLAND

Eu queria o movimento, a inútil beleza
de tudo. Terraços sobre ruas estrangeiras,
solos de trompete. In the evening when
the day is through. Não era o amor, era
uma alegria mais complicada: nesse ano

eu regresssei três vezes ao coração da Inglaterra

e entre os velhos monumentos do condado,
a que a distinção da morte dava um delicado lustro,
não era certo que encontrasse o que procurava.
Mas às vezes pressentia o pouco que valiam
as palavras e tudo o que não fosse estar ali
naquele momento, iludido e sustentado

pela luz de uma canção em terras estranhas.
(PIRES CABRAL, 2005, p.9)

É notável nesses versos o desejo do movimento e da chamada “inútil beleza/de tudo”, desde terraços a canções². Esse desejo, porém, não é algo simples, não pode ser explicado (“Não era o amor, era /uma alegria mais complicada”) e está relacionado ao fato de naquele ano o sujeito ter regressado três vezes ao coração da Inglaterra. O verso isolado utilizado para essa revelação constitui-se como um elemento de extrema importância, já que se coloca em posição central e divide o poema em três estrofes, especializando no próprio corpo poemático os três regressos à Inglaterra e os três momentos vivenciados pelo sujeito em viagem: a ida, as viagens em si e a volta. Além disso, reintroduz a expressão “coração da Inglaterra”, que se refere duplamente à região central do país (formada pelas regiões de Derbyshire, Staffordshire, Shropshire, West Midlands, Worcestershire, Warwickshire, Herefordshire e Gloucestershire) e ao desejo de se explorar profunda e emocionalmente essa área. Se a primeira estrofe parece demonstrar as expectativas antes da partida, a última já indica algumas das angustiantes conclusões ao final da jornada com o uso de vocábulos como “velhos”, “morte”, “pouco”, “iludido” e o emprego da negação.

Dessa maneira, ainda que não seja certo que se encontre o que procura, revestido por um “louco impulso [...] em direção a um alhures sempre recuado, insaciado, inacessível” (KRISTEVA, 1994, p.13-14), o sujeito nômade deambula incessantemente, pois se “Não há outro caminho” (CABRAL, 2005, p.49), há este caminho e podemos escolher ao menos a forma como ele é percorrido. Como vimos anteriormente, nessa poesia o caminho é percorrido de maneira errante, o que implica uma forma de resistência, já que, como comenta o supracitado sociólogo Michel Maffesoli (1997, p.36): “A errância [...], além de seu aspecto fundador de todo conjunto social, [...] exprime, igualmente, a revolta, violenta ou discreta, contra a ordem estabelecida”³. Se “Há qualquer coisa de desenfreado, de potencialmente libertário naquele que não se enraíza” (MAFFESOLI, 1997, p.153)⁴, a reflexão proposta pelo francês em *Du*

²A canção referida no poema pelos versos em itálico é “Time after time”, composta por Sammy Cahn e Jule Styne em 1947.

³Tradução minha. No original: “L’errance est du nombre qui, outre son aspect fondateur de tout ensemble social, [...] exprime, également, la revolte, violente ou discrète, contre l’ordre établi”

⁴Tradução minha. No original: “Il y a quelque chose de débridé, de potentiellement libertaire dans ce qui ne s’enracine pas”

Nomadisme relaciona essa inquietude a uma insubordinação às regras estabelecidas pelo Estado: “O nomadismo é totalmente antitético à forma do Estado Moderno” (MAFFESOLI, 1997, p.22).⁵ Para o sociólogo, ainda:

A reclusão trazida durante toda modernidade mostra, de todos os lados, os sinais de fraqueza. Pouco importa quais são seus vetores: hippies, vagabundos, poetas, jovens sem referências, ou mesmo turistas dentro de circuitos de férias programadas. O que é certo é que a ‘circulação’ recomeça. Desordenada, turbilhonada, ela não deixa nada, ninguém, imune. Ela quebra os entraves, e os limites estabelecidos, quaisquer que sejam seus domínios: político, ideológico, profissional, afetivo, cultural ou cultural, as barreiras desmoronam. Nada pode reter seu fluxo. O movimento ou a efervescência está dentro de todos. (MAFFESOLI, 1997, p.25)⁶

Ele percebe, desse modo, um retorno mais forte do nomadismo na sociedade no final do século XX por meio do movimento desordenado de seres que vêm “atrapalhar a quietude do sedentário” (MAFFESOLI, 1997, p.41) por representarem “a explosão, o transbordamento, ou seja, o que não é previsível” (MAFFESOLI, 1997, p.41)⁷ para aqueles que procuram seguir o dogmatismo do Estado.

De maneira semelhante a Maffesoli, – porém, importante ressaltar, anterior e com maior aprofundamento na reflexão – o filósofo Gilles Deleuze também parte do nomadismo territorial, baseado em tribos “primitivas”, para traçar todo um pensamento nômade. Em seu “Tratado de Nomadologia”, Deleuze demonstra como a máquina de guerra nômade se contrapõe ao Estado que, por sua vez, tenta capturá-la para usufruir de sua força em forma de exército, sistematizando a máquina nômade. Há uma coexistência entre o que é interior (aparelhos) e exterior (máquinas de guerra) ao Estado, de forma que:

Não é em termos de independência, mas de coexistência e de concorrência, *num campo perpétuo de interação*, que é preciso pensar a exterioridade e a interioridade, as máquinas de guerra de metamorfose e os aparelhos identitário de Estado, os bandos e os reinos, as megamáquinas e os impérios. Um mesmo campo circunscreve sua interioridade em Estados, mas descreve

⁵Tradução minha. No original: “Le nomadisme est totalement antithétique à la forme de l’État Moderne [...] Em fixant l’on peut dominer”

⁶Tradução minha. No original: “L’enfermement mis em place durant tout ela modernité montre, de tous côtes, des signes de faiblesse. Peu importe, d’ailleurs, ceux qui em sont les vecteurs: hippies, vagabonds, poètes, jeunes sans repères, ou même touristes happés dans les circuits des vacances programmées. Ce qui est certain c’est que la ‘circulation’ reprend. Désordonnée, tourbillomesque même, ele ne laisse rien, ni personne indemne. Elle brise les carcans, et es limites établies, et quels qu’em soient les domaines: politique, idéologique, professionnel, affectif, culturel ou cultuel, les barrières s’effondrent. Rien ne peut endiguer son flux. Le mouvement ou l’effervescence est dans toutes les têtes.”

⁷Tradução minha. No original: “Le barbare vient troubler la quietude du sédentaire. Potentiellement, il represente le déferlement, le débordement, em bref, ce qui n’est pas prévisible.”

sua exterioridade naquilo que escapa aos Estados ou se erige contra os Estados. (DELEUZE; GATTARI, 1997, p.24)

Na exterioridade do Estado, pode-se encontrar mecanismos locais de minorias que buscam agir contra o regime estatal utilizando a criatividade para pensar *fora* do sistema, além do já conhecido, para criar algo imprevisível:

[...] os corpos coletivos sempre têm franjas ou minorias que reconstituem equivalentes de máquina de guerra, sob formas por vezes muito inesperadas, em agenciamentos determinados tais como construir pontes, construir catedrais, ou então emitir juízos, ou compor música, instaurar uma ciência, uma técnica [...] Sempre sobrevêm períodos em que o Estado enquanto organismo se vê em apuros com seus próprios corpos, e em que esses, mesmo reivindicando privilégios, são forçados, contra sua vontade, a abrir-se para algo que os transborda, um curto instante revolucionário, um impulso experimentador. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.32-33)

A criação pode se reconstituir, portanto, numa máquina de guerra. E a literatura, a poesia, também, desde que sejam revolucionariamente nômades:

Mas, conforme a essência, não são os nômades que possuem o segredo: um movimento artístico, científico, “ideológico”, pode ser uma máquina de guerra potencial, precisamente na medida em que traça um plano de consciência, uma linha de fuga criadora, um espaço liso de deslocamento, em relação a um *phylum*. Não é o nômade que define esse conjunto de características, é esse conjunto que define o nômade. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.109)

Assim, ambos os pensadores enfatizam a relação entre nomadismo e resistência e a associam, dentre outras manifestações, à criação artística. Acredito que a esse vínculo se manifeste na poesia aqui estudada, já que, conforme observado anteriormente, há nesses versos “um tipo de ‘pulsão migratória’ incitando a mudar de lugar, de hábitos, de parceiros”⁸ (p.47-48) que instiga constantes desterritorializações por parte de um sujeito desassossegado. Os incessantes deslocamentos geográficos trazidos nos versos de Rui Pires Cabral constituem-se em uma movimentação resistente que indicam uma posição de insatisfação do sujeito com o que o rodeia, exemplificando essa resistência nômade em poesia. Não se migra para lograr, mas para fugir e nunca se termina a viagem, pois é somente em trânsito que se consegue continuar, apesar de tudo:

[...] À volta, os muitos filhos
da realidade ilustram os trabalhos outonais,
sombrios, inexpressivos figurantes do erro,
da repetição. Sentimos que não podemos
continuar – mas continuamos. E à noite talvez
venha por nós, de mãos mais frias, a poesia.
(PIRES CABRAL, 2005, p.38)

⁸ Tradução minha. No original: “une sorte de ‘pulsion migratoire’ incitant à changer de lieu, d’habitude, de partenaires”.

REFERÊNCIAS

CABRAL, Rui Pires. *Longe da aldeia*. Lisboa: Averno, 2005.

DELEUZE G, GUATTARI F. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol. 5*. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997.

MAFFESOLI, Michel. *Du Nomadisme – Vagabondages initiatiques*. Paris: Librairie Générale Française, 1997.

ZOURABICHVILI, François. *O Vocabulário de Deleuze*. Trad.: André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Sinergia: Ediouro, 2009.